



Revista Crescer: uma análise discursiva dos sentidos sobre a maternidade consonantes as propostas de rede cegonha

Nara Reis¹
Wedencley Alves²

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar quais os sentidos sobre a maternidade estão sendo pautados na revista Crescer. Escolhemos essa revista por ser uma mídia hegemônica sobre o tema. Essa primeira análise está inserida no processo para a tese de Mestrado sobre o tema amplo que é a romantização da maternidade. Também é desenvolvido dentro da disciplina de Comunicação e Poder da Universidade Federal de Juiz de Fora. Iremos analisar a partir da Análise do Discurso (Eni Orlandi - Michel Pêcheux) que mapeia relações de sentido e poder. A discussão abordada neste artigo é como os meios simbólicos também refletem nas políticas públicas de forma a veicular programas de saúde pautados em ideologias disseminadas pelo corpo social. Tome-se por exemplo a rede Cegonha que ilustrou nosso objeto de estudo. Após a análise, verificou que programa de assistência à saúde feminina é um projeto que espelha o que é disseminado na mídia também. A saúde da mulher não é vista como um todo, mas sim, atrelado a maternidade e, principalmente, a maternidade romantizada.

Palavras-chave: revista Crescer; maternidade; redes de saúde; discurso; mulher.

A presidenta Dilma Rousseff lançou em 28 de março de 2011 a Rede Cegonha. Programa este que teve investimento de 9,4 bilhões de reais e foi uma estratégia do Ministério da Saúde que visava instaurar uma rede de cuidados para garantir às mulheres o direito ao planejamento reprodutivo e a atenção humanizada à gravidez, ao parto e ao puerpério, bem como assegurar às crianças o direito ao nascimento seguro e ao crescimento e desenvolvimento saudáveis.

Porém foi duramente criticado pelos movimentos feministas e de saúde. Ao nomear um programa para mulheres de “cegonha”, é um retrocesso nas políticas de comunicação com enfoque de gênero, saúde integral da mulher e direitos reprodutivos e sexuais. “As cegonhas vão parir! Tudo está resolvido”.

A noção de uma díade mãe-bebê historicamente invisibiliza a mulher, produzindo a identidade materna sobre a identidade feminina. A política oficial de comunicação para a mulher do SUS deixa a desejar ao trazer um olhar distorcido do que seria um programa destinado a saúde da mulher.

¹ Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: narajack7@gmail.com

² Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: wedencley@gmail.com



Em nenhum momento o programa faz referência à atenção humanizada do aborto, por exemplo, visto que é a quarta principal causa de morte entre mulheres grávidas no país. A Rede Cegonha não é a solução completa para os diagnósticos sobre a saúde da mulher, coloca uma venda em outros assuntos que são silenciados, como o aborto, saúde sexual feminina e temas que não estejam ligados diretamente à maternidade.

Um acontecimento discursivo recente, como o que será tratado neste artigo, põe em circulação nas redes sentidos que afrontam diretamente a condição feminina a partir de uma visão reprodutivista do Ministério da Saúde. Este trabalho se propõe a pensar que as políticas de comunicação governamentais para a saúde feminina não atentam para a pluralidade dos discursos sociais que dão sentido à condição feminina na contemporaneidade.

Acreditamos que a questão dos discursos sobre a mulher nas sociedades contemporâneas possa vir a se acrescentar às temáticas tradicionais do campo da economia política da comunicação. Isso porque não há como pensar a condição feminina hoje e as políticas públicas voltadas para a saúde da mulher sem uma reflexão sobre a centralidade dos meios de comunicação com produtores/reprodutores de novos sentidos. Do ponto de vista da análise de discurso toda produção de sentido é uma questão política (ou de relações de poder) em seu sentido amplo.

Ora, a legitimação/deslegitimação de discursos sobre a mulher tem enormes efeitos sobre políticas públicas, a inserção da mulher no trabalho, direitos femininos e mesmo os modos com a mulher atua ou é tratada pelas mídias.

Foi escolhida a revista Crescer, em sua página na internet, por acreditarmos ser um mídia hegemônica que terá um caráter romantizado sobre o que é a maternidade, consonante às visões institucionais de políticas públicas, como no caso da Rede Cegonha. O que nos interessa saber é quais são os sentidos evidenciados pelas notícias e como eles são produzidos.

O recorte foi pensando após o surgimento da corrente que se iniciou no *Facebook* em fevereiro de 2016, onde uma mãe pediu para que as outras publicassem fotos com seus filhos, mostrando “como é bom ser mãe”. Em contraproposta, uma mãe iniciou outra corrente intitulada “desafio da maternidade real”, neste caso, um pedido para que as outras mulheres relatassem seus problemas com a maternidade e publicassem fotos do desconforto e seus maiores medos.



Para mapear esses discursos, selecionamos o mês de fevereiro de 2016, quando o desafio ganhou enorme repercussão nas redes, vocalizando um novo sentido sobre a maternidade. O que configura um acontecimento discursivo. Foi selecionado, também, o mês de fevereiro de 2017, para averiguar se, um ano depois, houve alguma mudança no discurso da revista.

A coleta do material foi feita diretamente no site da revista, que geralmente reproduz as matérias da revista impressa. A partir da ferramenta de busca, selecionamos o lexema “maternidade” no site, e a partir daí recolhemos as matérias de fevereiro de 2016 e 2017.

Bourdieu (1989) traz o conceito do Poder Simbólico a partir das interpretações por meio dos signos. Esclarece que esse poder é invisível e engendrado em sistemas simbólicos. Sistemas esses encontrados na arte, religião, língua e entre outros. Afirma que esses sistemas simbólicos são ferramentas de conhecimento, de comunicação e de construção do mundo dos objetos, logo, adquirem formas simbólicas. Assim, acabam arquitetando verdades sobre determinado assunto e o naturalizando (1).

O poder simbólico é um poder que está em fazimento sobre a realidade e que busca estabelecer uma norma geseológica, explica Bourdieu (1989). Isto é, um sentido imediato do mundo e em particular do mundo social.

Ele reforça que o discurso naturalizado aprisiona, e que muitas das vezes o sujeito não percebe que está inserido naquele sistema. É importante saber que as estruturas se mexem e não devemos pensar que estão fixas, porque desta maneira, abre possibilidades de um novo olhar.

Com esse discurso doutrinador o papel social da mulher foi construído ao longo do tempo em torno do casamento, da maternidade e da vida doméstica.

A mulher era considerada incapaz de exercer qualquer tipo de atividade diferente das atividades domésticas e do cuidado com os filhos, associava-se que estas atividades faziam parte da natureza da mulher. “Desta forma, legitimava a superioridade do homem e se assegurava o poder dado a este desde a criação do mundo” (EMIDIO, 2008 p. 47) (2).

Atrelado a este pensamento, a mulher tem sua identidade feminina ligada à maternidade. Como esclarece Emidio (2008), a questão do ser-mulher e ser-mãe perpassa toda a história do feminino e da maternidade na sociedade.

O amor materno é associado pelo corpo social como um sentimento que é considerado um dom, instintivo e puramente biológico. Isto é, todas as mulheres,



independentemente da cultura, condição socioeconômica, estão condicionadas a ser mãe e, quando não o exerce, sofrem diante da oportunidade que não veio.

Metodologia

Com inúmeras possibilidades de estudar a linguagem, a Análise do Discurso surgiu como uma maneira de compreender o discurso dentro dela. Para Orlandi (2012) a AD vê a linguagem como mediadora importante entre o homem e a realidade natural social (3).

Momentos dos sentidos, errância dos sujeitos, lugares provisórios de conjunção e dispersão, de unidade e de diversidade, de indistinção, de incerteza, de trajetos, de ancoragem e de vestígios: isto é o discurso, isto é o ritual da palavra. Mesmo o das que não se dizem (ORLANDI, 2012, pág.10)

Orlandi (2012) esclarece que o discurso é um objeto sócio-histórico em que o linguístico intervém como pressuposto. O discurso é o efeito de sentidos entre locutores, ou seja, é uma máquina de produção de sentidos. Desta maneira, os sentidos são sempre guiados por administradores, nunca soltos.

Há especialistas no corpo social que ditam os sentidos historicamente e formas de interpretação, como os professores, médicos, juízos e pessoas que detém desse poder. Ao dizer a palavra interpretamos, já estamos ao mesmo tempo, repetindo os sentidos que parecem já estar sempre lá, ou seja, sentidos já propagados no corpo social.

Nas pesquisas sobre o discurso, não se separam forma e conteúdo, porém procura entender a língua não apenas como estrutura, mas acima de tudo como acontecimento.

Sentidos da maternidade na revista Crescer

Ao todo foram selecionadas 29 matérias na busca pela palavra “maternidade” no site da revista Crescer.

O sentido que mais aparece nas matérias são relacionados a maternidade hospitalar, ou seja, espaço, público ou privado, ou parte desse estabelecimento em que é feito o acompanhamento de mulheres grávidas em trabalho departo. Em 2016, no mês fevereiro, foram duas matérias com esse sentido, e em fevereiro de 2017, dez matérias com esse significado.

Outro sentido dado as matérias com a palavra maternidade é sobre a licença-maternidade. Apareceu em fevereiro, de 2017, em dois enunciados.



Assuntos relacionados a cuidados médicos como dica de educação, qual manta usar na saída da maternidade, o que as mães podem fazer para ter uma adaptação melhor com a chegada maternidade e outros cuidados que envolvem esse novo universo, foram observados sete enunciados em fevereiro de 2017.

A maternidade como empecilho para arrumar emprego se mostra em um enunciado em 2017, muitas mães têm a dificuldade de encontrar um trabalho porque algumas empresas associam a maternidade como algo que dificultará o rendimento da mulher na empresa. Todas passam por esse processo e se as empresas criassem meios de conciliação em que as duas partes ficassem satisfeitas, mas não é o que acontece na maioria dos casos.

Um enunciado sobre a relação da maternidade com a relação afetiva do casal foi identificada nessa formação discursiva a seguir: “Às vezes ela se envolve tanto com maternidade e se esquece do marido”

Este tipo de afirmação é bastante utilizado em nosso corpo social. A ideia de que quando a mãe recebe o filho deixa de lado o marido. A culpa da relação não estar bem com a chegada do bebê é da mulher, porque é naturalizado de que ela é a figura central da família, que harmoniza o ambiente. O que está explícito nesse enunciado é uma verdade absoluta sobre algo legitimado. O homem, muitas das vezes, não se apropria da função de ser pai e ajudar a esposa, logo ela fica sobrecarregada com um bebê que necessita dela o tempo todo, e ainda teria que ter tempo para o marido, pois a função da mulher é cuidar. Se ambos desconstruíssem que a mulher nasceu para cuidar, os dois iriam dividir as tarefas e sobraria um tempo a sós.

Neste próximo enunciado, existem várias formações discursivas a serem analisadas. "Não existe mãe perfeita, mas o amor de mãe é perfeito e isso basta". Ao afirmar que o amor de mãe é perfeito, traz a ideia do que está engendrado na sociedade, de que seria um sentimento que nasce como um clique após dar à luz. Mas não é assim com todas.

"A mulher morre quando nasce o filho, dando lugar a esse novo ser humano chamado 'mãe' que, a partir dali, assume as rédeas". Esse enunciado retoma a ideia de que a mulher deveria se sacrificar para o bem do seu filho. Deixar a sua vida por ele. Mas a realidade é dura ao mostrar que não é fácil se abdicar de sua rotina, seus afazeres, prazeres de forma automática e ainda se sentir realizada com a maternidade.



“A ocupação "maternidade" é a única no mundo que não é remunerada, mas é uma das mais desejadas pela grande maioria das mulheres. O cargo "maternidade" é também um dos únicos no mundo exercido de forma aleatória - cada mãe trabalha do seu jeito, não há imposições”. Este enunciado retrata a formação ideológica de que toda mulher tem que ser mãe ou quer ser. Também é colocado que a mãe teria total liberdade na criação do filho. Isso não é verdade. Somos regidos por verdades do que é certo ou errado para educar, na alimentação, vestimenta e o saber médico doutrinando a nossa caminhada no período da maternidade. Se existisse liberdade, mais mulheres não teriam medo de relatar suas experiências negativas com a maternidade por receio de serem julgadas.

Considerações finais

"A mulher morre quando nasce o filho, dando lugar a esse novo ser humano chamado 'mãe' que, a partir dali, assume as rédeas". A partir dos conceitos de Foucault (1999), vemos nesta formação discursiva os regimes de verdade sobre o que é a maternidade. Como é dado como natural, as pessoas absorvem o discurso do que é a maternidade e reproduzem sem pensamento crítico.

Esses enunciados constituem uma macrotextualidade sobre os sentidos da maternidade e (re)produzem relações de poder, pois os regimes de verdade são constituídos na ordem discursiva. Eles vão condicionar pensamentos, modos de subjetivação, etc. Essa seria a valência política do discurso.

Neste estudo de caso é visto que, assim como na proposta da rede cegonha, existe um discurso dominante que se refere a saúde da mulher e sua ligação com a maternidade.

Os produtos de comunicação, tais como jornais, livros, sites, vídeos, filmes, são, antes de mais nada, recursos. Além do mais, a Economia Política tende a se concentrar sobre um específico conjunto de relações sociais organizadas em torno do poder ou da habilidade de controlar, entre outros, o povo, os processos e as coisas, até mesmo as possibilidades de resistência. Aqui, as matérias são os meios de controle tanto na distribuição do conteúdo como no consumo do recurso.

Referências

1. BORDIEU, PIERRE. Poder simbólico. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1989.



2. EMIDIO, T. S. Diálogos entre feminilidade e maternidade: um estudo sob o olhar da mitologia e da psicanálise. 2008. 146 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia)- Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2008.
3. ENI, Orlandi. Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Editora Pontes, 2012.
4. FOUCAULT, Michel. Saber y verdad. Madrid: Las Ediciones de La Piqueta, 1995.